

A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA DA MENTE E AS CIÊNCIAS COGNITIVAS

Aluno: Pedro Henrique Passos Carné
Orientador: Oswaldo Chateaubriand Filho

“A ciência cognitiva é o estudo interdisciplinar da mente e da inteligência, englobando filosofia, psicologia, inteligência artificial, neurociência, lingüística e antropologia” (p. IX) [1]. Esta afirmação de Paul Thagard, acerca do caráter plural das ciências cognitivas, inaugura o prefácio de seu livro introdutório ao estudo das mesmas, bem como orienta a edição da *MIT Encyclopedia of Cognitive Sciences*, em nada introdutória, efetuada por Robert Wilson e Frank Keil. A pergunta que orientaria determinada pluralidade, constituindo-se como a interseção de todos estes conjuntos disciplinares, se dirigiria, por sua vez, à funcionalidade da mente humana. Afinal, tal como expressa o professor da *University of Waterloo*, “o principal objetivo da ciência cognitiva é explicar como as pessoas chegam a seus diferentes tipos de pensamento. Não apenas descrever os diferentes tipos de resolução e aprendizado de problemas, mas também explicar como a mente realiza estas operações” (p. 15).

Assim como o livro de Paul Churchland acerca da filosofia da mente (*Matéria e Consciência*), o trabalho de Paul Thagard se apresenta como uma excelente introdução às ciências cognitivas. Ali estão presentes, ainda que de uma forma generalizada, o principal objetivo deste conjunto de ciências (expresso no parágrafo precedente), bem como sua hipótese central. Para este professor, esta hipótese se traduziria na concepção de que “o pensamento pode melhor ser entendido em termos de estruturas representacionais na mente e procedimentos computacionais que operam naquelas estruturas” (p. 21), e seria por seu intermédio que as diversas áreas que compõem as ciências cognitivas poderiam somar os resultados de suas pesquisas, proporcionando às mesmas a sua harmonia teórica.

Diferentes argumentos, contudo, almejam explicar a aparente harmonia das ciências cognitivas. O pensador francês Jean-Pierre Dupuy, por exemplo, em sua obra acerca do movimento cibernético da década de cinquenta, argumenta de forma paralela às linhas de Thagard. Na sua concepção, “o que mantém juntos, hoje em dia, os múltiplos programas de pesquisa que são agrupados sob o nome de “ciências cognitivas” é o trabalho filosófico que é feito acerca deles. A filosofia é que reflete e sistematiza a ou as atitudes de base que constituem o único laço social no interior da área” (p. 113) [2]. Isto significa que a existência de uma hipótese central nas ciências cognitivas seria uma atribuição filosófica à mesma, fato que transformaria o agrupamento de disciplinas em um projeto epistemológico profundamente determinado e orientado. Enquanto os mais diversos cientistas se encontrariam imersos em debates profundamente controversos acerca das melhores descrições (melhores modelos) para as mais diversas operações mentais, o filósofo se constituiria como “o árbitro que disciplina, regula e finalmente julga estes confrontos” (*idem*).

No contexto teórico das ciências cognitivas, a formulação da questão acerca do papel desempenhado pelo filósofo se apresenta de uma maneira profundamente interessante. Afinal, ainda seria próprio ao filósofo o arbítrio sobre tais questões científicas? Ambos os pensadores citados, Paul Thagard e Jean-Pierre Dupuy, possuem uma clara influência do pensamento crítico

de matriz kantiana em suas obras, manifestado exatamente no contexto das passagens aqui citadas, nas quais o papel do filósofo ou a unidade das ciências cognitivas é alvo de argumentação. Para Kant, era-se preciso limitar o conhecimento científico para abrir-se espaço à crença (afirmação de seu segundo prefácio à *Crítica da Razão Pura*), e a maneira como a limitação do conhecimento foi por ele efetuada despertou as mais diversas discordâncias ao longo destes duzentos anos que nos separam da publicação de sua obra. Ainda seria a tarefa do filósofo oferecer um limite às ambições científicas, ou, mais especificamente, caberia ao filósofo da mente limitar as pesquisas no âmbito das ciências cognitivas? Ou, ao contrário, os problemas trabalhados pelos filósofos em nada se relacionariam com as ambições científicas deste conjunto de disciplinas? Estas questões, profundamente abertas ao pensamento filosófico, oferecem o norte ao artigo aqui desenhado.

Referências

[1] THAGARD, Paul. **Mente**. Introdução à Ciência Cognitiva. Trad. Maria Rita Hofmeister. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1998.

[2] DUPUY, Jean-Pierre. **Nas Origens das Ciências Cognitivas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Editora Unesp, 1995.